COMÉRCIO INTERNACIONAL PORTUGUÊS DE BENS 2026

AICEP
Agência para o Investimento
e Comércio Externo de Portugal

SETEMBRO 2026

De acordo com informação do INE, em setembro de 2026, as exportações de bens registaram taxas de variação nominais de 5,7% em termos homólogos (tvh) e de 42,9% face a agosto (variação em cadeia), atingindo 7,6 mil M€, em valor absoluto, o montante mensal mais elevado desde julho de 2024. Quanto às importações, o crescimento homólogo nominal foi de 7,2% e de 29,4% em cadeia, totalizando 10,8 mil M€. O défice da balança comercial de bens foi de 3,2 mil M€, superior em 313,9 M€ em relação ao mesmo de 2025 e em 174,8 M€ comparativamente ao mês anterior.

Quando excluídas as transações sem transferência de propriedade (TTE), isto é, transações com vista a ou na sequência de trabalhos por encomenda, os crescimentos foram mais expressivos em ambos os fluxos: +13,8% nas exportações e +8,5% nas importações (+10,7% e +7,8%, respetivamente, em agosto de 2026). Sem as TTE, o défice comercial registou um desagravamento de 58 milhões de euros, totalizando 3,3 mil milhões de euros.

Excluindo os Combustíveis Minerais, as exportações (6,9 mil M€) cresceram 0,9% em relação a setembro de 2025 e 44,4% face a agosto deste ano. Nos mesmos períodos e pela mesma ordem, as importações (9,3 mil M€) cresceram 2,1% e 25,7%, respetivamente. Sem Combustíveis Minerais a balança comercial atingiu um saldo negativo de 2,4 mil M€, o que se traduz num agravamento do défice dos não-energéticos de 126,1 M€ em termos homólogos e num desagravamento de 226,0 M€ em cadeia.

JANEIRO A SETEMBRO DE 2026

Em valores acumulados, em 2026 (janeiro a setembro), as exportações de bens ascenderam a 61,6 mil M€, contra 59,8 mil M€ no período homólogo do ano anterior, ou seja, um aumento de 1,8 mil M€ (tvh 3,0%). As importações totalizaram 89,5 mil M€ e aumentaram 4,8 mil M€, apresentando uma variação de 5,7%. Estes resultados determinaram um défice da balança comercial de 27,9 mil M€, correspondente a um aumento de 3,0 mil M€ relativamente a 2025 (janeiro a setembro). A taxa de cobertura das importações pelas exportações situou-se em 68,9% que corresponde a uma redução de 1,8 p.p. em comparação com a taxa registada em igual período de 2025.

Estes resultados refletem o efeito das TTE, já que as exportações registaram um crescimento mais expressivo quando retirado este tipo de movimentos (+7,3%). Também nas importações, quando excluídas as TTE, o crescimento acentuou-se (+8,7%). Sem as TTE, o défice da balança comercial de bens totalizou 28,0 mil M€, correspondendo a um agravamento de 3,0 mil M€ face ao mesmo período de 2025.[1]

Excluindo a rubrica referente aos Combustíveis Minerais, as exportações de bens não-energéticos (57,2 mil M€; 92,8% do total) aumentaram 1,3% (742,6 M€) enquanto as Importações (79,8 mil M€; 89,1% do total) cresceram 3,6% (2,8 mil M€), respetivamente. O défice comercial dos bens não-energéticos foi de 22,6 mil M€, que significa um agravamento de 2,1 mil M€. A taxa de cobertura das importações pelas exportações dos não-energéticos situou-se em 71,7% que corresponde a uma descida de 1,6 p.p. em comparação com o período homólogo de 2025.

MERCADOS

As exportações para a União Europeia cresceram 2,9%, registando uma quota nas exportações totais de 71,9%.

Espanha foi o principal destino das nossas exportações de bens com uma quota de 26,6% no total, seguindo-se Alemanha (11,9%) e França (11,8%).

As exportações extracomunitárias registaram um crescimento de 3,4%, observando um peso no total de 28,1%.

Os EUA e o Reino Unido, com quotas de 5,4% e 4,1%, respetivamente, foram os principais clientes extracomunitários e quarto e sexto em termos globais.

Espanha, com um aumento de 1,1 mil M€ (tvh 6,9%), apresenta o maior contributo positivo para o crescimento global das exportações, seguindo-se França (+242,5 M€; tvh 3,5%) e Bélgica (+202,4 M€; tvh 13%).

As principais quebras nas vendas externas ocorreram com a Alemanha (-1,2 mil M€; tvh -14,0%), os EUA (-444,4 M€; tvh -11,8%) e o Reino Unido (-128,2 M€; tvh -4,8%).

[1] O impacto dos movimentos TTE incide sobretudo sobre o grupo de produtos dos Químicos, onde se incluem os Produtos Farmacêuticos (NC 30) e os Químicos Orgânicos (NC 29). Esse impacto é particularmente sentido nas quebras das exportações de produtos farmacêuticos para a Alemanha e das importações de químicos orgânicos da Irlanda, afetando também as trocas comerciais de produtos industriais transformados de Alta Tecnologia.

Na importação, as compras à União Europeia (75,0% do total) cresceram 4,4% enquanto as provenientes dos Países Terceiros (25,0% da importação total), observaram uma variação de 9,7%.

Espanha foi o nosso principal fornecedor, com uma quota de 32,7%, seguida da Alemanha (11,9%) e da França (7,2%). O principal fornecedor extracomunitário, e quinto no ranking global, foi a China, com um peso de 5,3%.

De notar os aumentos das importações a Espanha (+2,1 mil M€; tvh 7,9%), Países Baixos (+1,4 mil M€; tvh 29,4%) e Brasil (+992,4 M€; tvh 39,4%), e a diminuição das compras à Irlanda (-2,1 mil M€; tvh -68,9%), Argélia (-283,6 M€; tvh -33,4%) e Koweit (-193,3 M€; tvh -99,1%).

GRUPOS DE PRODUTOS

Por grupos de produtos, as Máquinas e Aparelhos constituíram a principal exportação com uma quota de 16,6% do total, seguindo-se os Veículos e Outro Material de Transporte (12,4%) e os Metais Comuns (8,4%).

De destacar os aumentos das exportações de Máquinas e Aparelhos (+1,1 mil M€; tvh 11,9%), de Combustíveis Minerais (+1,1 mil M€; tvh 31,5%) e de Metais Comuns (+575,8 M€; tvh 12,6%). As principais quebras ocorreram nos Químicos (-1,8 mil M€; tvh -30,4%), nos Veículos e Outro Material de Transporte (-178,9 M€; tvh -2,3%) e na Ótica e Precisão (-96,7 M€; tvh -5,5%).

Nas Importações prevaleceram também as Máquinas e Aparelhos (19,1% do total), seguindo-se os Veículos e Outro Material de Transporte (14,1%) e os Químicos (11,6%).

Assinalam-se os aumentos nas Máquinas e Aparelhos (+2,1 mil M€; tvh 14,3%), nos Combustíveis Minerais (+2,0 mil M€; tvh 26,1%) e nos Veículos e Outro Material de Transporte (+1,1 mil M€; tvh 9,5%). As principais quebras verificaram-se nos Químicos (-1,6 mil M€; tvh -13,7%), nas Pastas Celulósicas e Papel (-31,9 €; tvh -2,4%) e nas Matérias Têxteis (-18,6 M€; tvh -1,1%).

MERCADOS E PRODUTOS

Em 2026 (janeiro a agosto), a principal exportação portuguesa por “mercado *vs* produto” registou-se na venda de Partes e Acessórios Para Tratores e Veículos de Transportes de Passageiros (> 10 Pessoas) (NC 8708) para Espanha, num total de 996,7 M€. Esta relação representou 1,8% das exportações totais portuguesas de bens, enquanto o produto valeu

7,0% das nossas vendas totais para Espanha e este mercado significou 51,7% do total exportado no produto.

Do lado das importações há a salientar as compras de Óleos Brutos de Petróleo (NC 2709) ao Brasil, num valor total de 2,2 mil M€ (2,8% das importações totais portuguesas). Aquele produto registou um peso de 72,9% das nossas importações totais provenientes do Brasil e este mercado 51,0% das importações totais do produto.

PREÇOS

O índice de valor unitário (preços) das exportações aumentou 6,2% em termos homólogos, mantendo a trajetória de crescimento iniciada em março. Excluindo os produtos petrolíferos, o aumento foi de 2,4%.

Tal como nas exportações, o índice de valor unitário (preços) das importações aumentou 8,4% em termos homólogos, correspondendo à sexta variação positiva consecutiva. Excluindo os produtos petrolíferos, a variação dos preços foi de +4,6%.

GRAUS DE INTENSIDADE TECNOLÓGICA

Em 2026 (janeiro a agosto), as exportações portuguesas de Produtos Industriais Transformados representaram 92,3% das exportações totais, apresentando um crescimento homólogo de 1,5%. Os restantes produtos, 7,7% do total, registaram uma variação de 22,3%.

Por Graus de Intensidade Tecnológica dos produtos industriais transformados, a Alta Tecnologia representou 12,4% do total (tvh -20,3%), a Média-Alta Tecnologia 30,9% do total (tvh 6,3%), a Média-Baixa tecnologia 24,6% (tvh 11,1%) e a Baixa Tecnologia 32,1% (tvh 1,2%).

Do lado das importações, os Produtos Industriais Transformados representaram 86,6% do total, apresentando um crescimento homólogo de 4,4%, enquanto os restantes produtos valeram 13,4% do total crescendo 11,9% face a 2025 (janeiro a março).

Por Graus de Intensidade Tecnológica dos Produtos Industriais Transformados, a Alta Tecnologia representou 16,8% do total (tvh -3,4%), a Média-Alta Tecnologia 41,4% do total (tvh 8,4%), a Média-Baixa tecnologia 17,1% (tvh 7,4%) e a Baixa Tecnologia 24,7% (tvh 1,7%).

PORTUGAL NO CONTEXTO DA UNIÃO EUROPEIA 27

Segundo dados do Eurostat, em 2026 (janeiro a agosto), Portugal foi o 18º exportador da UE27, com uma quota de 1,2% das exportações totais comunitárias. Face a igual período de 2025, as exportações portuguesas de bens registaram uma taxa de variação homóloga de 2,9%, que compara com 4,1% de crescimento do conjunto da UE27 e de 3,6% da Zona Euro.

No mesmo período, Portugal foi o 15º importador entre os 27 Estados-Membros, com uma participação de 1,7% nas importações totais da UE27. Portugal observou um crescimento homólogo de 5,3%, com o conjunto da UE27 a registar uma variação de 5,9%. A Zona Euro observou uma contração de 5,5% nas importações.

Nota: A divulgação dos resultados do Comércio Internacional Português de Bens referentes a 2026 (janeiro a outubro) está prevista para 10 de dezembro de 2026.

Fonte: INE, 9 de novembro de 2026